ANO 11.º — Sexta-feira, 20 de Setembro de 1918 — Numero 541

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. *Nacional*, R. de Arnelas—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

A vitória... alemã

—=(*)=—

Então começou a apossar-se da Grande Germania a impaciencia, o sobresalto, o nervosismo do touro encurralado, encarcerado, que se vê á força fechado, inesperadamente, e á força quer romper os muros da prisão onde sufoca, onde se sente estrangular, donde pretende arrancar-se a todo o custo, mas inutilmente!

Ora é aqui que está toda a verdade, da guerra a chave mestra da situação.

A Alemanha, prisioneira dos aliados, busca a todo o transe romper-lhes as linhas do assédio e como o touro encurrelado, que sentisse o incendio precursor da morte a devorar-lhe o madeirame da prisão, atira-se como doido furioso, marra aqui e ali, rebenta tabuados, ensanguenta o focinho espumante de furôr, arrastado pelo proprio e natural instinto da salvação, mas não consegue mais do que demorar alguns momentos apenas o fim tragico que o espera nessas arremetidas que apenas lhe trazem o momentaneo desafogo de um repartimento novo para onde conseguiu passar, mas sempre fechado, como os anteriores, sempre sem saída, sempre encurralado na mesma fornalha que avança constantemente, e onde hade perecer por fim, exausto, inutil, desarmado, vencido.

Como o touro preso, a Alemanha, sentindo-se isolada, presa tambem, começa a marrar violentamente em toda a linha dos aliados.

Avança dez, vinte ou trinta quilometros para os perder logo mais alêm.

Lança massas cerradas de soldados sobre as linhas dos aliados, massas que estes ceifam sangrentamente nessas formações de ataque que tem sido a predilecção do comando alemão e tem constituido as suas mais horrorosas hecatombes.

Fazem recuar os aliados, porque ao avanço de duzentos mil homens, de cem mil, de cincoenta mil, nada resiste, desde que esse rebanho de carneiros tem ordem de avançar até não restar um só de pé!

A resistencia seria inutil, imprudente e desnecessaria.

Os aliados recuam, entregam-lhe o terreno revolvido, cinco, dez, vinte quilometros de profundidade! Mas cincoenta, cem, cento e cincoenta mil alemães ali caíram para sempre; as linhas aliadas não foram rotas e a situação permanece a mesma.

A Alemanha continúa encerrada!

Sim! Porque os dez, quinze ou vinte quilometros que conquistou, de que lhes servem?

Para a situação militar, economica e moral da Alemanha, de que valem dez ou quinze quilometros de terrenos inuteis, revolvidos, inaproveitaveis, porque ficam sempre dentro da zona de guerra?

Desde que os pontos militarmente ocupados o não sejam por motivos estrategicos, que importa aos centrais ou aos aliados que a linha de ocupação passe dez quilometros mais á frente ou mais á rectaguarda?

Sim! porque é justamente isto que os germanofilos portuguêses não querem vêr...

E' que a Alemanha, a não ser o efeito moral obtido na ocasião, efeito que não conseguiu abater o dos aliados, nada aproveitava com as suas ofensivas, porque não conseguia alcançar o seu objectivo: romper a linha franco-inglêsa.

Este objectivo conservaram-no eles sempre secreto, mas desmascararam-no finalmente em Março, quando já impacientes, inquietos, receiosos pela situação que só lhes agravava de dia para dia, tentaram, declaradamente cortar os aliados no eixo de junção dos exercitos francês e inglês.

Mais uma vez lhes falhou o objectivo principal e unico da ofensiva: cortar os aliados; perderam 600 mil homens e ficaram da mesma fórma encerrados.

A situação só podia modificar-se desfavoravelmente para os aliados, se os alemães conseguissem abrir brecha nas linhas anglo-francêsas.

Não o conseguiram apezar dos ataques furiosos que contra elas fizeram por várias vezes, não poupando nem material nem homens.

Todos os foguetes queimados pelos nossos germanofilos quando os alemães faziam algum avanço, não era senão barulho para se iludirem a si proprios.

Eles bem sabiam que a situação permanecia a mesma, mas convinha-lhes animar o fogo sagrado.. da esperança na nossa derrota, que era a dos aliados, com o barulho das ofensivas que os alemães faziam sempre o que queriam. Mas agora, depois de tantas e tão brilhantes ofensivas, que lucrou a Alemanha?

Qual é a sua situação?

Humberto Beça

"O Democrata,,

Como previramos, foi impossivel dar o jornal na sexta-feira passada em virtude de se terem agravado os padecimentos de quem o dirige. Da falta pedimos desculpa aos nossos estimaveis assinantes, e pois que outras ainda pódem vir a dar-se pelo mesmo motivo, desde já lhes solicitâmos indulgencias, na certêsa de que os compensaremos mais tarde ou mais cêdo de tudo a quanto a doença nos obrigar.

E aproveitando o ensejo, permitam-nos aqueles bons amigos, que, com tanta solicitude, teem vindo ao *Democrata* informar-se do estado do nosso director, lhes testemunhemos, em seu nome, a maior gratidão, isto sem esquecer os de fóra, os de longe e ainda alguns colégas da imprensa, cujas próvas de cordeal estima jâmais saberemos olvidar.

COMICIOS

Estavam para se realisar no domingo nada menos de 40 comicios em diferentes pontos do país, todos promovidos pela União Operaria Nacional e tendentes a levar junto dos poderes constituidos reclamações de caracter social e economico, segundo a moção que temos presente e devia ser aprovada em cada uma das assembleias.

O govêrno, porém, opondo-se a que essas manifestações colectivas se efectuassem na hora presente, não fez mais do que estava naturalmente indicado, atentos os boatos circulantes duma proxima revolução para o derrubar.

Mas então sempre é certo quererem dar cabo d'*isto*?

Recompensa

Na manhã de segunda-feira o ilustre capitão do porto, acompanhado pelos srs. dr. Lourenço Peixinho e Francisco da Silva Rocha, todos membros do Instituto de Socorros a Naufragos, foram ao quartel de aviação maritima, estabelecido no forte da Barra, e ali fizeram entrega da medalha de prata e respectivo diploma, a Mr. Francis Barrillee, sargento, por ter salvo com gráve risco da propria vida, tres raparigas, Joaquina Filipe, Anzenda Filipe e Custodia Casqueira, que, no dia 29 de junho ultimo, caíram á agua por se ter voltado o pequenino barco que as conduzia.

O acto praticado por Mr. Barrillee, denunciador de grande abnegação, valentia e coragem, foi, pois, bem recompensado, aplaudindo nós sinceramente o justo galardão com que as entidades oficiaes, acima descritas, o premiaram.

Pronunciou palavras de tocante agradecimento, o ilustre comandante de aviação, que, como sempre, se fez ouvir com agrado.

A cerimonia, ainda que revestida da maior singeleza, não deixou por isso de impressionar as pessoas que a ela assistiram, felicitando no fim, vivamente, o agraciado.

DE FERRO

Vão ser postas em circulação para evitar os inconvenientes resultados da falta de trocos, moedas do valor de 1, 2 e 4 centávos, cuja cunhagem, em ferro, será sendo executada na Casa da Moeda.

Fizeram-se tambem experiencias para identica cunhagem em sola, mas para isso parece que os coiros não deram...

Os coiros

—=(*)=—

Duma *nota oficiosa* enviada á imprensa:

Achando-se abarrotados de coiros os armazens da Exploração do Porto de Lisboa foi determinado superiormente: que não se permitisse a sua importação. Pelos Transportes Maritimos do Estado já foi telegrafado aos seus agentes na Guiné neste sentido.

Um coléga nosso, referindo-se largamente ao assunto, que, embora pareça que não, é de capital importancia, escreve muito judiciosamente depois de verberar a alta extraordinaria do preço dos coiros:

. . . .

A guerra, que tem servido de pretexto para tudo, para todos os abusos e para todas as extorsões, não produziu diminuição na materia prima de que se extraem os coiros e os cabedais.

Os gados que nos davam a sola, as peles e os vernizes continuam a fornecer-nos com a mesma regularidade, os seus despojos externos. Porque é uma coisa curiosa esta: as materias primas do calçado são provenientes da morte. Quanto mais animais mortos, tanto mais solas, peles, vernizes e cabedais.

A que se poderia, portanto, atribuir a extraordinaria alta de preços?

Simplesmente e unicamente ás dificuldades da importação.

Mas esse motivo acaba e extinguese desde *que tanto se tem importado* que, ha longos mêses, os armazens da Exploração do porto de Lisboa, grandes, vastos, enormes, se encontram abarrotados dessa mercadoria.

Não ha, portanto, que fugir desta ilação: ha no país um monopolio, um *trust*, ou como quizerem chamar-lhe, bem organisado, para explorar o publico, alteando até ao mais extraordinario o preço dos coiros, fazendo-os escassear no mercado, retendo-os em vastos e ocultos armazens.

E' um abuso que urge não só acabar, mas ainda castigar.

O govêrno deve mandar despejar esses armazens, e averiguar da causa ou dos pretextos com que ali se ocultava uma mercadoria que, no mercado, ia subindo de preço todos os dias, quasi hora a hora, desde tanto tempo.

Umas meias solas custavam antes da guerra 50 centávos. Umas gaspeas um escudo e 50.

Pois, agora, as meias solas custam dois escudos, e as gaspeas cinco!

Esta diferença não se justifica de maneira nenhuma.

E' preciso que o govêrno, pelos meios mais energicos e eficazes, acabe com esta exploração odiosa.

Verifique se ha *trust* e castiguemse os culpados desta verdadeira extorsão.

Venham imediatamente para o mercado os couros armazenados. Entra nos cofres do Estado o dinheiro dos direitos alfandegarios, e baixará o preço da mercadoria.

Marque-lhe o govêrno, inclusivamente, o preço maximo, para que os ricassos, os monopolistas, os gananciosos não continuem a abusar como até aqui.

E talvez não fôsse máu averiguar se entre estes negociantes *de grosso* ha algum ou alguns novos ricos, para os obrigar a uma contribuição especial—*lucros da guerra*—como existe lá fóra, na Inglaterra e na França, e que entre nós deve estabelecer-se sem contemplações, nem privilegios de qualquer especie.

Não deixam de ser interessantissimas e preciosas, estas revelações. Ha coiros em Portugal, coiros em abundancia, coiros que nunca mais se acabam. Tudo o confirma, inclusivamente o proprio govêrno.

Mas, então porque se não faz entrar nos eixos esses que até os coiros monopolisam, obrigando nos quasi á penitencia de andar descalços?

Nova autoridade

Foi investido dos cargos de administrador do concelho e comissario de policia distrital, entrando logo no exercicio dessas funcções, o sr. Carlos Souto Maior Negrão, alferes de cavalaria 8.

Por onde se conclue que ficou sem efeito a nomeação do sr. Alexandre Corrêa.

Era de esperar

—=(*)=—

O testa de ferro ao serviço do orgão do P. R. P. cá do burgo, naquela inconsciencia que é a mais caracteristica nota da miseria moral de todos os pulhas, vem muito ancho afirmar que são já quatro os jornaes que se insurgem e condenam a sua atitude, caluniando repugnante e miseravelmente homens de bem, por todos reconhecidos como incapazes da pratica de qualquer das infamias que o pandilha, nova edição da macaca da Chorinca, ha tempos vem assacando.

Resumindo: quer isto dizer que é o proprio biltre que, pretendendo exaltar-se, vem estupidamente confessar que esses quatro jornaes que, neste momento, traduzem a opinião aveirense, condenam, interpretando essa mesma opinião, a ignobil tarefa que o biltre a si proprio se impoz não só para satisfação dos seus odios, mas tambem para engrandecimento da sua estulta vaidade e reconhecida miseria moral.

Cada qual é como quem é.

E visto que, convidado a falar, a dizer tudo com clarêsa, sem reticencias, tudo quanto sabe sobre actos menos licitos praticados pela Comissão Administrativa Municipal, até hoje se remeteu ao mais comprometedor dos silencios, o publico que julgue em ultima instancia a contenda e nos diga depois se o chamado partido democratico local está ou não bem representado, tendo á frente do seu orgão oficial quem tão ridiculamente se evidencía o ultimo... dos caluniadores.

E o *Camaleão*... calado!

NA ESCOLA DE GUERRA

Sobre esta epigrafe, lêmos na imprensa alfacinha:

Deu-se no sabado um entoxicamento na Escola de Guerra, que atacou um grande numero de alunos, depois do jantar.

Fazem-se investigações sobre o estranho caso.

Estranho caso? Ora essa!

Estranho, se ele está na ordem das cousas?

O ano passado chegou-se á conclusão—por sinal num magnifico relatorio—de que um identico caso fôra causado por determinado peixe em mau estado, que até entoxicou... os que o não tinham comido!

Desta vez apurar-se-á o mesmo, por certo...

Na Russia

—=(*)=—

São verdadeiramente aterradoras as noticias que o telegrafo dia a dia transmite sobre o que se passa de extraordinario no antigo imperio, hoje por completo anarquisado, e os seus habitantes sugeitos ás maiores atrocidades de que ha memoria. Ali nada escapa. Com propriedade poder-se-á até dizer que anda tudo *a ferro e fogo*, pois que se não é duma maneira é doutra, todos estão sendo vitimas dos erros acumulados, pagando bem caro o cáos a que a conduziram.

Pelos ultimos telegramas expedidos á imprensa, sabe-se que acabam de ser assassinadas pelos *balcheviks* a tzarina e as suas quatro filhas, que tinham sido poupadas por ocasião do fuzilamento do ex-czar Nicolau II, ocorrido a 16 de julho. E continúa a revolução. Aos gritos de—*Viva o terror vermelho!*—o sangue continuará correndo, vidas sem conta se perderão para sempre e sob um montão de ruinas sossobrará, pela certa, uma das maiores nações do mundo.

Ponha ali os olhos o nosso pequenino Portugal...

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Moura*.

As vindimas

Estão quasi concluidas na nossa região, sendo a abundancia de vinho muito superior á do ano passado, sem duvida devido aos aguaceiros que precederam a colheita.

Vâmos a vêr se agora baixa de preço, pois que sete vintens por um litro, quando o pão está pela hora da morte, hão-de concordar que não fica barato a quem bebe por conta, peso e medida.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

Tentativa audaciosa

—(*)—

A pirateria alemã nas aguas de Portugal

—(*)—

O bombardeamento do DESERTAS

Completando a noticia, resumida, por falta de tempo e de espaço, que démos na edição do dia 6 ácerca do extraordinario acontecimento de que, na vespera, fôra teatro a praia da Costa Nova, eis os pormonores colhidos posteriormente ao caso e que o *Democrata* arquiva como lembrança da passagem dos bandidos rente á nossa terra:

O pirata apareceu, como dissémos, pelas 17 horas, fazendo acto continuo dois tiros, que logo fôram acertadamente tomados á conta de aviso para o afastamento dos numerosos operarios de ambos os sexos que se empregam nos importantes trabalhos de preparação para o salvamento do *Desertas*.

Toda a gente se pôz em fuga e, passadoe quinze minutos, o submarino, que era acompanhado por outro mais pequeno, dizem, que estava ao largo, abriu fogo contra o vapor, disparando, sem o atingir, cêrca de trinta granadas, que foram rebentar na areia, passando entre a mastreação do vapor, sem outras consequencias. O barco, cujo casco está já na agua, para o lado de terra, onde foi aberto um grande canal, que está ainda por concluir, fica encoberto, pelo lado do mar, por uma lomba de areia e, por esta razão, ficou indemne.

Na praia da Costa Nova a população balnear, nesta época numerosa, alvoroçou-se em extraordinario, havendo grande panico, até que, á aproximação dos aviões, que logo saíram do *hangar*, situado na praia de S. Jacinto, ao norte do local onde se desenrolou o incidente, os submarinos se puzeram em fuga, cessando o ataque.

Cabe aqui referir que no dia 24 de agosto esteve parado no mesmo local um submarino, que, segundo é de crêr, observou e conheceu os trabalhos executados para salvamento do *Desertas*, o qual estava completamente exposto e visivel, pois se encontrava ainda no sitio onde naufragou em 19 de novembro de 1916. Parece que agora os alemães, convencidos de que o salvamento do vapor em breve será uma realidade, resolveram bombardeá-lo, o que, todavía, não conseguiram.

Foram três os aviões que levantaram vôo, manifestando se grande entusiasmo entre o pessoal do

hangar por se apresentar o ensejo de perseguir o inimigo, que, com tanta ousadia, ali vinha praticar mais uma das suas cobardes agressões. Os submarinos, mal reconheceram a aproximação dos aviões, abandonaram os seus postos, navegando para o norte e submergindo, o que não evitou que fôssem perseguidos, tendo sido atiradas sobre eles quatro bombas, que estouraram com fragor, levantando a grande altura enorme coluna de agua.

Era extraordinaria a multidão que assistia ao curioso espectaculo.

A certa altura, um dos aviões principiou a descrever uma grande espiral, largando a seguir uma bomba, que, após a explosão, deu logar a que se observassem ao lume de agua largas manchas oleosas. A tripulação afirma que atingiu um dos submarinos, mas por enquanto ainda não vimos oficialmente confirmada essa versão.

Um outro avião teve uma *panne*, e foi obrigado a pousar no mar, de onde pouco depois se levantou, sem maior novidade.

Até noite fechada, os aviões conservaram-se muito ao mar, em pesquizas cuidadosas, tendo dado margem, com a explosão das bombas por eles lançadas, a erradas suposições sobre outras tentativas inimigas e a novos sustos e receios. Quando a noticia chegou a Aveiro, a impessão foi enorme, estabelecendo-se logo grande movimento de carros, automoveis e bicicletas, conduzindo para a Costa numerosissimos curiosos, habitantes da cidade e pessoas de fóra que lá teem familia, procurando conhecer a verdade, pois começaram correndo os mais alarmantes boatos: mortos, feridos, incendios, etc.

Embora não haja rasão para novos receios, o susto levou muitas familias a abandonarem, de vez, a praia, regressando ás suas residencias.

Muitas possuem e conservam estilhaços das granadas alemãs, como recordação do triste episodio.

MERECIDO LOUVOR

Joaquim Henriques, é um filho de Alfredo Henriques, continuo do liceu desta cidade, que ainda ha pouco viamos de caixeiro, na loja do Bernardo, a aviar a freguezia, tornando-se notado pela sua vivacidade e constante sorriso pendente dos labios.

Novo ainda, muito novo mesmo, deliberou a familia inicia-lo no comercio para o tirar da rua e fazer dele possivelmente alguem no seio da honrada classe. Mas o rapaz foi crescendo e eis se não quando toma a resolução de procurar outro modo de vida, de se dedicar ás letras para as quais se sentia atraído. Auxiliado por uma fertil e vigorosa inteligencia, estudou, estudou com alma, com inexcedivel dedicação e no curto praso de três anos não só consegue completar o curso geral dos liceus, como ainda conclue os seus exames do 7.º ano, tirando a subida classificação de 14 valores!

Tem agora o Joaquim Henriques, o ex-caixeiro do Bernardo, sorridente e gaiato, deante de si aberta a possibilidade duma carreira brilhante, que, no futuro, o compense, moral e materialmente, dos esforços empregados para conseguir os seus desejos.

Que a ventura o acompanhe. E pelo consolador triunfo agora obtido receba o moço estudante, assim como seus humildes paes, as nossas sinceras felicitações.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro nos kiosques de *Valeriano*, e no da Praça Marquez de Pombal.

Notas mundanas

Fez na terça-feira 31 anos o venerando aveirense, lidimo caracter e consagrado artista, sr. João da Maia Romão, professor de desenho aposentado, a quem o Democrata *vivamente felicita.*

— Estiveram em Aveiro os srs. dr. Sá Couto, causidico muito considerado de Oliveira de Azemeis; Manuel João Sardo, da Murtosa; Manuel Duarte, de Verdemilho; dr. Egas Castro, professor do liceu de Ponta Delgada; Manuel Dias Lopes e Manuel Dias dos Santos, ambos concituados ourives, o primeiro em Viana do Castelo e o segundo em Valença do Minho e Luiz de Almeida, didno empregado na Cadeia Nacional de Lisboa. Todos procuraram saber do estado de saúde do nosso director, o que, muito reconhecidos, agradecemos.

— Chegou do front o sr. capitão Rebocho.

— Com sua esposa encontra-se a veranear na Costa Nova, o snr. Antonio Dias Pereira Júnior.

— Realisou-se no dia 14, o enlace matrimonial do sr. João da Cruz Bento, com a menina Dolores Pinho, filha do negociante, sr. Antonio de Pinho.

O acto, que teve um caracter muito intimo, realisou se em casa dos paes da noiva.

Muitas venturas.

— Dos Cucos regressou á sua casa de Oliveira de Azemeis, em companhia de suas filhas, o acreditado negociante sr. Francisco Ferreira Lndureza.

— Chegou de Vizela a sr.ª D. Maria Trancoso Magalhães.

— Já foi registado na Conservatoria do Registo Civil, recebendo o nome de Mario, o filhinho do nosso presado amigo Francisco Vieira da Costa, a quem desejâmos um ridente porvir.

— Seguiu para S. Pedro do Sul o activo negociante da nossa praça e director do Banco Popular Portuguêz, snr. Antonio da Maia.

PELA IMPRENSA

"O Mundo,,

Completou 18 anos duma vida agitada, extenuante e por vezes dificil, como a que está atravessando, o conhecido diário republicano de Lisboa, de que foi fundador o ardoroso e destemido jornalista Antonio França Borges.

Felicitando-o, os nossos votos são porque uma era de paz ponha côbro, sem tardança, ás agitações politicas que tanto estão comprometendo a Republica, trazendo-lhe melhores dias, e ao país a certêsa dum amplo, desanuviado futuro.

"Correio de Vagos,,

Tambem passou o aniversário deste semanário evolucionista do proximo concelho, cujo director é agora o sr. Antonio Mesquita, que não temos a honra de conhecer.

Cumprimentamo-lo.

Explendido trabalho

Com o esmero proprio da rara habilidade de que é dotada, está sendo confeccionada pela snr.ª D. Otilia Corrêa Loureiro uma rica bandeira, que em breve deve ser ofertada á Sociedade Recreio Artistico.

Vimo-la já. Toda de sêda encarnada, com franja de ouro, tem ao centro uma grande aguia de azas abertas, como que elevando-se num largo vôo, levando, seguro nas garras, o emblema da Sociedade que com ela vai ser enriquecida. Todo o trabalho, que é a matiz, levou cêrca dum ano a executar e evidencia da parte da sr.ª D. Otilia Loureiro uma alta competencia para bordados deste género, em que é eximia, contando-se os seus triunfos pelo numero de obras a que tem ligado o seu nome.

Felicitando-a mais uma vez, felicitâmos ao mesmo tempo a Sociedade Recreio Artistico, que a guardará, de certo, como uma das suas melhores reliquias.

OS INTRUJÕES

O acaso trouxe-nos ás mãos um exemplar dum jornal de pequeno formato—30 centimetros de comprido por 20 de largo—medimo-lo cuidadosamente—intitulado *O Amigo do Povo*.

E' redigido, dirigido, editado e administrado por um conego e um padre, sendo a redacção no Seminario de Coimbra, e diz-se—*semanario catolico e orgão da Liga da Boa Imprensa da diocese!*

Não atinâmos com o que seja a tal *boa imprensa*, a não ser aquela que, como o referido jornalsinho é um dos mais autenticos exemplares, deve recolher, no fim do ano, um bom numero de centos de escudos.

Sim, senhores, centos de escudos se não forem milhares deles.

Não ha numero do referido orgão que não traga uma abundante lista de dádivas em dinheiro para o mesmo, exceção aberta aos vários peditorios, como por exemplo aquele feito em 29 de junho destinado á *boa imprensa* e que rendeu para cima de 600 escudos!

A rêde é vasta, bem deitada e o numero dos papalvos cresce e acode á chamada duma fórma prodigiosa.

Os pescadores, conhecedores de todos os processos de colheita e fóra do regulamento da capitania, sem lanchas a gazolina, marinheiros, multas, queimas de rêde, etc., continuam esfregando as mãos e, num requinte de repugnante intrujice, escreviam no numero de 25 do corrente, depois da publicação duma lista de devotos assinantes, o seguinte:

Muito agradecemos as *migalhinhas* que ofereceram ao *Amigo do Povo* os srs. Manuel Rodrigues, dos Moinhos; D. Maria do Cardal de Lemos, de Eixo; D. Maria H. Baptista, de Aldeia de Alem; Maria da Luz Colaço, de Cimo de Vila; Maria de Jesus, do Casal da Senhora; Maria Emilia, do Barreiro; Rosa de Jesus, dos Fernadunhos; Maria Rita, dos Côrtes; Antonio A. Bento, das Chãs; D. Maria E. Macieira, de Lisboa; os assinantes do logar das Quatro Lagôas; e agradecemos dum modo especial a uma anonima de Coimbra a sua grande generosidade.

São as migalhinhas que vão sustentando *O Amiguinho*. Ele, apesar de ser novinho, pois ainda não fez dois anos, e de ser pequenino, é um comilão de marca. Diz ele que o amparem enquanto fôr tenrinho, porque em chegando a certa idade ha de pagar o bem que lhe tiverem feito e ha de trabalhar para viver sem vergonha do mundo.

Vejam que sentimentos já manifesta!...

Não lhos deixemos perder, que o pequerrucho por este andar ha de ir longe

Que grandissimos patifes!

Ah! que se todos vós déssem, como nós, o trabalho seria o vosso unico caminho!...

LIVROS

Noções de Comercio—

2.º ano—Acabamos de receber mais um volume, devido á infatigavel actividade do nosso amigo e antigo colaborador do *Democrata*, sr. Humberto Beça.

O actual volume constitue o decimo terceiro ano da colecção de obras didaticas, editada pela Escola Secundaria de Comercio, do Porto, de que o distinto professor é director e proprietario e a que vem dedicando toda a sua inteligencia, invulgar energia e força de vontade, e é o complemento dum outro volume já publicado e destinado ao 1.º ano.

Seguindo uma orientação pedagogica que até a leigos se apresenta logica e racional, largamente desenvolvido em cada um dos oito capitulos que constituem a obra, o novo trabalho do conhecido comercialista, salienta-se por ele, compreender por uma organização que em outros volumes se não encontra, e por questões agora introduzidas no ensino comercial, e até agora inteiramente desconhecidas.

A aplicação dos graficos á escrituração comercial é um trabalho novo e curiosissimo, sem duvida destinado a prestar optimos serviços aos guarda-livros e chefes de contabilidade que em tal processo pódem encontrar um grande auxiliar.

Mas notabilisa-se ainda o livro, principalmente por uma nova formula introduzida pelo seu autor no calculo comercial, formula cuja descoberta é mais um titulo de gloria do estudioso professor, e que vem mostrar a razão matemática do Balanço que até agora se efectuava ao acaso e que a *Lei matemática do Balanço*, descoberta pelo sr. Humberto Beça, demonstra e justifica.

O curioso problema que merece ser conhecido de todos os profissionaes da especialidade, está no volume de que teve, o nosso amigo, a amabilidade de oferecer-nos um exemplar, largamente explanado e demonstrado e claramente exposto, o que o torna de facil estudo e compreensão.

Agradecemos o exemplar que a esta redacção destina o nosso companheiro de trabalho na colaboração do *Democrata*.

NECROLOGIA

Pelas 16 horas do penultimo domingo, 8 do corrente, faleceu após vinte dias de lancinante sofrimento, Antonio Duarte de Lemos, aluno do 2.º ano da Escola Normal desta cidade.

Tinha apenas 19 anos, aquela idade em que tudo são rosas e perfumes, sonhos e ilusões, não sendo dificil, por isso, avaliar quão dolorosa deveria ter sido a despedida do inditoso moço, tão cêdo arrebatado ao carinho dos seus, á convivencia dos amigos, á afeição dos condiscipulos.

No seu funeral, que foi muito concorrido, encorporou-se grande numero de camaradas seus, professores, as duas companhias de bombeiros, a banda *José Estevam*, que depôz sobre o ataúde uma formosa corôa de flôres artificiaes, assim como o curso de que fazia parte.

A chave era conduzida pelo digno director da Escola, sr. José Casimiro da Silva, baixando á sepultura o cadaver do desventurado academico quando a Natureza inicia a musica nostalgica da quadra outonal, lacrimejando as suas tristezas, despindo os roseiraes, desfolhando as ultimas flôres.

Que descance em paz. E aos paes e irmão do pranteado morto, com especialidade a Velariano Simões Lemos, os pêsames deste jornal.

* * *

Traz nos o telegrafo a dolorosa noticia do falecimento em Estarreja, ás 4 da manhã de quarta-feira, de Manuel Calado, a quem as agruras da sua longa permanencia no *front*, feriram de morte!

Desaparece no alvorecer da vida, quando o futuro sorridente e glorioso o esperava, porque Manuel Calado era já um artista na execução primorosa de composições musicaes dos melhores mestres!

As suas arcadas, vibrando ora a terna harmonia, como o ciciar de beijos, anceios de mocidade, meigos sorrisos e ternas despedidas, ora cheias, resolutas, energicas, esvoaçantes de sentimento, de virilidade e de força, acordavam nos corações de todos as vibrações salutares de sentimentos desconhecidos que nos embalavam o espirito acordando o enlevo de gratas recordações, a magia da saudade, de mundos ignorados, de novas sentimentalidades.

Descendendo duma familia de musicos, educado por seu pae desde a infancia no trato da sublime arte, Manuel Calado, apesar das suas 19 primaveras, era o artista possuidor de segredos que só aos virtuosos a mesma arte permite conhecer!

Mas a dureza do infortunio, a brutalidade do destino a nada quiz atender e assim a Morte implacavel e dura arrebatou do seio de todos nós o pobre moço, arrancando-o dos braços dos devotados paes que desde a hora amarga da sua chegada ao dilacerante momento do derradeiro suspiro, o bafejaram velando-o como sentinelas vigilantes e seu rico tesouro.

Bem de perto conhecemos as torturas desta dôr, as amarguras inegualaveis dessas horas tremendas!

Nunca mais, nunca mais ouviremos o Manuel; mas a saudade, a dôce lembrança da sua pessoa hade reproduzir-nos no espirito a sua figura debil e artistica, enlevado na execução primorosa de trechos no seu violino, entre o silencio religioso dos circunstantes e o estridulo final das palmas, coroando, engrandecendo o precoce artista.

Tristes recordações que a gelida lufada da Morte apagou!

A seus paes e irmãos, a toda a familia enlutada, a sentidissima expressão do nosso pezar.

CORRESPONDENCIAS

Costa do Valado, 18

Com a pompa dos anos anteriores, realisou-se no domingo, na séde da freguezia, Oliveirinha, a festividade da Senhora dos Remedios, que constou de missa cantada e procissão, de dia, e á noite dum vistoso arraial com musica, fogo e iluminação em frente da igreja.

Os mordomos são dignos de elogio pela fórma como se houveram, imprimindo este ano o maximo brilho á festa que veem de efectuar.

= No proximo dia 22 terá tambem o seu festejo anual no logar de Quintans, a Senhora da Graça, constando-nos que na vespera, além doutros atrativos, haverá entremez por uma das melhores companhias dramaticas de Aveiro, o que decerto chamará ao arraial grande numero de curiosos.

= De visita a seus velhos paes, esteve na Oliveirinha o snr. dr. Arnaldo de Almeida Vidal, juiz do Ultramar, tendo igualmente vindo passar os dias da festa com suas familias muitos filhos da mesma localidade.

= Em Aguas Bôas foi, na noite de 8 para 9 do corrente, disparado um tiro de espingarda contra o nosso amigo sr. José de Barros, que se encontra de cama, visto toda a carga de chumbo se lhe ter alojado um pouco abaixo do abdomen.

Está sendo cuidadosamente tratado pelo distinto facultativo desta freguezia, sr. dr. Abilio Marques, tendo sido preso não só o autor da proêsa como ainda outros meliantes que com ele andavam a fazer disturbios.

= Desde o principio da semana passada que se vindima por aqui activamente, constatando todos os lavradores uma extraordinaria produção de vinho. Alguns teem-se visto sériamente embaraçados para arranjarem vasilhas, visto que não contavam nem com metade do que calculavam ter.

Pena é que se não possa dizer do milho a mesma coisa.

C.

Requeixo, 8 de Setembro

A semana preterita foi fertil de acontecimentos sensacionaes: afundamento de barcos portuguêses, bombardeamento do *Desertas* por submarinos alemães, choque dum comboio com uma maquina, no Porto, etc., etc.

Entretanto e para atenuar a dôr causada por essas infelicidades, chegam ao nosso conhecimento duas scenas de... S. Paulo entre outros tantos casaes, que, por serem do dominio publico, aqui as damos á estampa a titulo de passatempo e aviso aos casados.

A primeira scena deu-se em Aguas Bôas, do concelho de Oliveira do Bairro. Marido e mulher travaram-se de razões taes que a ultima, perdendo a paciencia, puxa dum varapáu, zurzindo-o a toda a força nas costelas do marido que, ao vêr que a *esmola* era abundante, houve por bem cagar os tairocos á mão para melhor desembaraçar as canelas. Com certeza o beneficiado estava em bôas relações com o milagroso Santo Amaro e a Senhora da Ajuda.

O segundo caso passou-se em Requeixo, entre Manuel Francisco da Ponte, vulgarmente conhecido por *Carriço*, e sua mulher. Pelos antecedentes depreende-se que os dois conjuges não se davam bem, aliás o marido não teria, por duas vezes já, voado para fóra do ninho conjugal. Ultimamente, porêm, lá tiveram sua desavença, de modo que o *Carriço* propôs-se voar pela terceira vez para fóra do ninho, retirando de casa quanto lhe pertencia, sem que a mulher opozesso o menor obstaculo ou embaraço, observando-lhe apenas que, saíndo, não mais teria entrada ali, visto a separação de bens.

Dizem as *más linguas* que o marido dave sinaes de arrependimento, o que não custa acreditar. Se assim era, o capricho prevaleceu. Saíu, enfim.

Poucos dias volvidos e ás horas matutinas, *Carriço*, mesmo em jejum, dirige-se a casa da mulher que, ao vê-lo no pateo, puxa dum cacete e com ele, segundo dizem, lhe ia inutilisando uma aza, castigando assim a ousadia e recompensando a grande tareia que este lhe deu na ocasião da despedida.

Feliz mortal que, ao erguer-se da cama, apanha um almoço tão substancial sem dispender um centávo!

Que lhe preste e aproveite.

=Propala certa gente que o aumento das contribuições tem por fim levar o contribuinte a entregar ao Estado as suas propriedades, visto—acrescentam—que o produto delas não cobre as despezas de cultura e contribuição.

Estâmos para vêr quaes são os primeiros tolos.

=Estão em principio as vindimas nesta freguezia. Uvas mal sasonadas, e assim o vinho inferior ao do ano passado.

C.